

Primeira pata

FOTOS MARCOS FARIA



A cachorra (acima) teve cães de todas as raças e tamanhos, protestando contra casos como o de Larry (à direita, no alto)



Au, au, au: protesto animal

Um protesto peludo e animado tomou conta das ruas de Laranjeiras e do Cosme Velho no dia 24 de outubro. Uma cachorra organizada pelas associações de moradores dos dois bairros chamou a atenção para dois problemas sérios: o abandono e o envenenamento de animais nas ruas.

Foram mais de 100 pessoas acompanhadas de seus melhores amigos. Eram labradores, poodles, pinschers, vira-latas e muitos outros — com destaque para Gringa e Euro, da Companhia de Cães da PM, encarregados de manter a ordem. Não que fosse necessário: com exceção de um ou outro latido mais alto, o protesto foi pacífico.

O símbolo da passeata era o golden retriever Larry. Ele comeu um pedaço de frango que achou na rua e sofreu um grave envenenamento. Quase morreu, mas se recuperou e, sempre conduzido por sua dona, Mariana, foi um dos astros do dia. "Sabemos até onde ele foi envenenado, mas não podemos fazer nada", lamentou Mariana.

O beagle Biel também passou por maus bocados. "Um dia, de repente, ele ficou todo duro. Felizmente levamos ao veterinário e ele ficou bom", conta a estudante Gabriela, que o levou à cachorra.

Menos sorte, porém, tiveram outros três cães. Eles foram envenenados com pedaços de carne na rua General Gilcério,

e morreram. Uma ameaça que ainda paira não só sobre os cães, mas também sobre os gatos destes e de outros bairros do Rio.

Sônia Miranda, da Associação de Moradores do Cosme Velho, foi uma das organizadoras da cachorra. Ela espera que assim as autoridades comecem a dar alguma importância ao problema. "Já fizemos várias denúncias, mas ninguém se interessa por isso", reclamou.

Além do envenenamento, o abandono de animais é uma das preocupações de Sônia. "As pessoas deixam seus cães e gatos na rua, sem querer saber o que vai acontecer com eles. Nós cuidamos deles na medida do possível, mas não podemos dar conta de todos", disse.

Quarenta anos de muito amor pelos bichos

Na sessão solene da Câmara de Vereadores em homenagem ao Dia do Veterinário (9 de setembro), uma voz se destacou. Enquanto a quase totalidade dos discursos destacava a importância do profissional para o desenvolvimento da pecuária e da economia do Brasil, Aristeu Gonçalves lembrou que o veterinário acima de tudo deve cuidar da saúde e do bem-estar dos animais.

Aos 64 anos de idade e 40



de carreira, Aristeu orgulha-se de ter sido professor de 60% dos veterinários em atividade no Rio. E mais ainda de ter, ao longo dessas décadas, ajudado a aumentar o respeito que todos deveriam ter pelos bichos.

"Optei pelo valor afetivo do animal, e não pelo econômico. É preciso ver um semelhante em todas as espécies. Hoje o animal

compartilha das nossas vidas, paga um preço pela mudança de ambiente que impomos e muitas vezes atua como um terapeuta, aumentando a qualidade de vida", afirma um dos fundadores da Associação Nacional de Clínica Veterinária de Pequenos Animais.

Ele lamenta que muitas pessoas ainda não compreendam a natureza da relação com os animais. "Quase sempre, meu problema não é o paciente, e sim o cliente", observa. Uma dificuldade que o faz se considerar um médico das famílias, pois as doenças várias vezes são causadas por desequilíbrios no ambiente onde o animal vive.

Aristeu ainda não se considera plenamente realizado, pois há sempre novas metas a alcançar. Mas isso não quer dizer que não seja feliz. Porque, como faz questão de ressaltar, recebe a cada dia a gratidão muda dos animais de que trata em sua clínica.